

Gros diz que crise

Economia

Brasília, quarta-feira, 9 de setembro de 1992 **13**

política afeta economia

Rio — O presidente do Banco Central, Francisco Gros, disse, no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, onde embarcou para Brasília à tarde, que a crise política começa a prejudicar a economia do País. “Já não se faz planejamento de médio e longo prazos. Só mesmo de curto prazo”, disse. O presidente do BC vinculou a sua permanência no cargo à votação do processo do impeachment do presidente Collor na Câmara dos Deputados. Ele evitou, porém, dizer se o resultado da votação na Câmara é que definirá a sua permanência no cargo. “Aguarde o dia da votação”, comentou.

Incertezas — Em São Paulo, as tabelas da indústria com os preços para o mês de setembro refletem o clima de incerteza em relação à política econômica neste segundo semestre. Os produtos estão chegando com reajustes que variam de 26 por cento a 28 por cento (que deverão estar

acima da inflação deste mês, cuja expectativa gira em torno de 25 por cento). Além disso, alguns setores como o de higiene e limpeza já avisaram que poderão distribuir uma lista de preço complementar nos próximos 15 dias. “Esta é uma prática que a indústria utilizava em períodos de grandes, altas inflacionárias”, lembra Álvaro Furtado, secretário-geral do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios.

De acordo com ele, o varejo vai resistir até quando puder. “Se não conseguirmos vender com preços que acompanham a inflação, imagine desta maneira”, comenta Furtado. A explicação para estas remarcações, segundo a indústria, é das taxas de juros que voltaram a subir de 25 por cento a 30 por cento. “Isto reflete a situação instável. Estas tabelas vão acabar puxando a inflação para cima”, diz Omar Assaf, vice-presidente da Associação Paulista de

Supermercados (Apas).

Recessão — Na opinião de Furtado, a única coisa que pode segurar os preços é a recessão. “Não adianta remarcar se não há quem compre”, comenta ele. A previsão do setor supermercadista é de que, neste mês de setembro, os aumentos fiquem um pouco acima da inflação, o que pode retrair ainda mais o consumo. Apesar disso, o varejo não admite falar em reajustes preventivos. “Não acho que a indústria esteja se precavendo de um possível pacote econômico ou coisa do tipo”, comenta Furtado.

O comércio não quer, segundo Firmino Alves, diretor do Apas, ter de bancar sozinho estes reajustes. “Nós já estamos tendo muito prejuízo”, diz ele. Alves cita o exemplo do arroz (tipo 2), cuja embalagem de cinco quilos está custando de Cr\$ 12 mil a Cr\$ 13 mil nos supermercados. “Para nós, este produto já está saindo por Cr\$ 20 mil”.